

Cordel das crianças do Ponto de Cultura LUDOCRIARTE

Nosso Pé de Cordel Encantado



Organização: Darliane Santos e Isaac Mendes
Colaboradores: Roberta Santos e Roseli Nunes de Almeida
Revisão de texto: João Bosco Bezerra Bonfim e equipe de Brinquedistas da Ludocriarte

Ilustrações: Crianças do projeto
Capa: Darliane Santos
Design gráfico: André Nery
Imagens: Associação Ludocriarte

Mendes, Isaac e Santos, Darliane (org.)

Nosso Pé de Cordel Encantado –
Cordel das crianças do Ponto
de Cultura LUDOCRIARTE –
Brasília: Associação Ludocriarte, 2018.

1ª Edição – Tiragem: 2 mil exemplares – 2018 - Brasil

ASSOCIAÇÃO LUDOCRIARTE - Ponto de Cultura
Presidente: Paolo Chirola
Vice-Presidente: Magda Regina Rosa

Quadra 103, Conj. 05, Casa 01 – Residencial Oeste
CEP: 71.692-213 – São Sebastião/DF
Tel. (61) 3339-1976
ludocriarte@gmail.com - www.ludocriarte.org

Darliane Santos e Isaac Mendes (org.)

Nosso Pé de Cordel Encantado

Cordel das crianças do
Ponto de Cultura Ludocriarte

1ª Edição

Brasília/DF
Associação Ludocriarte

2018

APRESENTAÇÃO

Este livro de cordel é o resultado do Projeto nº 16.949 “Nossas Raízes Nordestinas – Cultura e Identidade Sob o Olhar da Criança”, apoiado pela Fundação Banco do Brasil, em 2018.

O projeto proporcionou a 80 crianças e adolescentes de São Sebastião/DF, de 6 a 14 anos, um espaço de vivência e valorização de elementos da cultura nordestina, visando o fortalecimento da sua identidade.

Por meio de oficinas temáticas, músicas e danças, brinquedos e brincadeiras, leitura e contação de histórias, poesias e laboratórios de arte, mitos e ritos, os jovens autores da Ludocriarte criaram, contaram e cantaram suas histórias, de maneira coletiva, encontrando, na literatura de cordel, a forma poética de expressão das raízes de suas famílias de origem, plantando assim seus pés na terra fértil da cultura nordestina.

NOSSOS DIAS DE BRINCADEIRAS

Grupo Tatus



Somos o grupo Tatus
e gostamos de brincar.
Na nossa brinquedoteca,
brincadeira é o nosso lar.
Nós aprendemos de tudo,
inclusive a rimar.

O tatu é bicho esperto
que mora dentro da terra,
tem muito aqui no cerrado,
no alto e no pé da serra.
Ele é muito tranquilo,
não gosta de fazer guerra.

Nós levantamos bem cedo,
logo após o sol nascer;
temos café da manhã
e corremos pra aprender;
nos reunimos em roda
e cantamos pra valer.

Decidimos, sempre juntos,
as regras e os combinados.
Respeitamos uns aos outros,
sempre com muito cuidado,
de brincar sem violência,
manter tudo organizado.

A rotina é interessante,
cada espaço uma novidade:
varanda, sala de jogos,
informática e artes.
Tem música e tem teatro
e outras atividades.

Na varanda nós brincamos,
sempre muita diversão.
Quando estamos no totó
é a mais pura animação.
Brincadeira na casinha
fantasia de montão.



Lá tem vários fantoches
pra brincar de teatrinho.
Com as casinhas de bonecas
brincamos de mãe e filhinho.
E na casinha de música:
sons de canos e flautinhas.



Sala de jogos: demais!
Com jogo de todo tipo.
Jogo pra se jogar só
e pra jogar com os amigos.
Jogo da onça e mancala,
xadrez e pega palito.

Sentamos em um tatame,
curiosos para ouvir,
as histórias que o tio conta
faz chorar e faz sorrir,
faz voar a imaginação
que ninguém quer mais sair.

Sala de artes tem pintura
e desenhos coloridos,
expressamos nossa arte
com pincéis e muitos risos.
Com recortes e colagens
tudo passa a ter sentido.

Na era tecnológica,
temos uma sala mágica
com muitos computadores
para aprender informática.
Lá tem jogos divertidos
e também a matemática.

Tem uma sala de música
com instrumentos à vontade.
xilofones e chocalhos
despertam a curiosidade.
Inventamos as canções
de paz e amorosidade.

Todos gostam de cinema,
ver filmes e animações.
Hoje é Dia de Maria,
mundo mágico dos sertões,
Kiriku, Tainá, Chihiro
vivem em nossos corações.



Os projetos aqui falam
das raízes nordestinas,
nossa ancestralidade
africana e indígena.
Aprendemos sobre tudo:
vida humana e alienígena.

Se você não acredita,
venha cá nos visitar,
conhecer todos os grupos
do nosso grande cerrado:
Raposas, Lobos, Tatus,
Oncinhas e Tamanduás.



OS VIZINHOS BARULHENTOS E A VELHA GOMILONA

Grupo Lobos



No bairro da Ana Maria
aconteceu uma festa.
Num lugar muito distante,
cercado pela floresta.
Era uma vila animada
que se ouvia até seresta.

O aniversário de Ana,
todo o povo festejava.
Na festa de vinte anos,
muita música tocava,
com gente de todo canto,
no quintal, Ana dançava.

Funk, rap, sertanejo
e tocava até modão.
O forró comia solto
que nem festa de São João:
churrasco, feijão tropeiro
e até doce de mamão.

Do lado daquela casa
morava uma senhora,
muito chata e rabugenta,
reclamava toda hora
do barulho e do festejo
que se ouvia mundo afora.

O que o povo não sabia
é que era feiticeira,
fazia poções toda hora,
sempre em volta da fogueira,
preparava uma armação
usando suas tranqueiras.

Um feitiço ela fez
para todos irem dormir:
maracujá, camomila
e três cascos de jabuti.
Um plano ela inventou
e se preparou para ir.

Num frasco bem enfeitado
um presente ela fez
pra entregar à Ana Maria
para beber antes das três.
Aquela gente curiosa
provaria de uma vez!

Disfarçada, ela entrou
e ninguém nem percebeu,
deu um bom depoimento
e a todos convenceu.
Brindaram sua poção
e seu plano certo deu.

Já passados quatro dias,
o povo todo acordou,
com fome de anteontem,
foram ver o que restou:
não tinha sobrado nada,
que a velha tudo levou.

Se valendo da poção,
a vizinha fez maldade.
Tá certo que o barulho
incomoda de verdade
e a lei da vizinhança
é de ter civilidade.





Os festeiros aprenderam
a ter boa tolerância:
festa até às dez horas
com comida e muita dança,
depois, com voz e violão,
cantando e fazendo trança.

Solitária em sua casa,
depois de muito comer,
a vizinha ficou mal,
veio quase a falecer;
com a dor, se arrependeu;
pediu perdão a valer.

Sobre o que aconteceu,
se pôs muito a pensar.
Não queria confusão,
foi morar em outro lar.
Daquela gente agitada,
ficou só a lembrar.

Mas sabendo que alegria
é boa de cultivar;
ainda mais entre vizinhos;
com amizade enfeitar;
e que o dom de garrafeira
só se usa pra curar.

QUEM EMPAGA DESEMPAGA

Grupo Raposas



Próximo a Parnarama,
Estado do Maranhão,
todos acordam bem cedo,
para plantar um bom feijão;
na fazenda Catingueiro,
vivem com satisfação.

Joaquim é bom roceiro,
homem tão batalhador,
cuidava da filha Rita,
todo cheio de amor,
pois a morte, tirana,
a mãe de Rita, levou.

Joaquim ia à roça
e, a menina, deixava
com sua Dinda querida
que ela adorava ficar,
e, ao entardecer do dia,
saíam pra passear.

A Dinda era Toinha,
sua tia arretada.
Se acaso havia gripe,
era ela quem curava.
O xarope de pequi
era o que ela mais usava.

Todo dia coletava
ervas para os seus chás
e gente de todo canto
vinha para se curar.
Era uma curandeira
grande sábia do lugar.

Certo dia, bem cedinho,
Toinha fez um café,
foi chamar Rita, ligeiro,
que já estava de pé.
Sua ajudante ela era,
e adorava um cafuné.

Em seus passeios diários,
qual não foi a situação:
encontraram um bichinho
precisando de atenção.
Ele estava ali zurrando,
mais alto que um trovão.

Um susto elas levaram,
deram até um tropicão.
Chegaram pertinho dele,
no meio da plantação,
viram suas orelhas baixas,
de partir o coração.

Ficaram com pena dele
e o queriam levar
pr'o celeiro da fazenda
onde iriam lhe ajudar.
Queriam saber a origem,
prontas para investigar.

O danado do jumento
estava muito empacado.
Com seu passado estranho,
estava amedrontado.
As duas, então, tentaram
dar a ele um agrado.



Então, Dinda retirou
do bolso planta potente,
pra fazer o tal jumento
ficar muito sorridente.
Mas o bicho cuspiu tudo,
deixou Rita descontente.

De tudo elas fizeram,
mas o bicho nem mexia!
Cada vez que lhe puxavam,
uma catinga elas sentiam.
Mudaram, então, de ideia,
pra sair da agonia.

Lembraram da cantoria
que deixava animado
gente e bicho, todo dia,
da caatinga e do cerrado.
Soltaram o seu repente
em tom alto e bem rimado:

*“Agora chegou a hora,
todos prestem atenção.
Balancem suas cabeças,
batam o pé forte no chão,
balancem o esqueleto,
com muita satisfação.”*

De nada adiantou
toda aquela cantoria.
O bicho estava parado,
do lugar nunca saía.
Ofertaram bom capim
de toda a freguesia.

Grande foi, então, o espanto
da primeira reação,
quando deram-lhe uma cana
para a mastigação.
Tanta cana ele mascou
que um dente caiu no chão.

Dessa vez um bom remédio
Toinha conseguiu lhe dar,
pro dente crescer ligeiro
e tirar o mal-estar.
O animal ficou contente
saiu trotando a rebolar.

Com o bicho caminharam
até um passo na estrada,
esbarraram num espantalho
que o deixou em disparada.
Só parou lá na fazenda,
carreira desembestada.





Quebrou porta a cabeçada
e o vaso de margaridas.
Dinda quis laçar o bicho
e Rita estava escondida.
Começaram uma conversa
pra acalmar aquela vida.

De tanto ouvir mil coisas,
algo doido ocorreu:
o jumento, então, falava
do que lhe aconteceu.
Que lá onde ele morava
algo ruim se assucedeu.

No começo, se espantaram
ao ouvir bicho falar,
mas, depois de algum tempo,
chegaram a se acostumar.
Entenderam logo tudo
o que ele estava a explicar:

Seu dono lhe maltratava
e queria lhe vender
por cem conto de réis,
(pouco que estava a valer),
mas se achava precioso
e mais tinha a oferecer.

E, além de tudo isso,
ele estava apaixonado
pela jumentinha Bela
que morava ali ao lado,
não queria se afastar
de quem tinha conquistado.

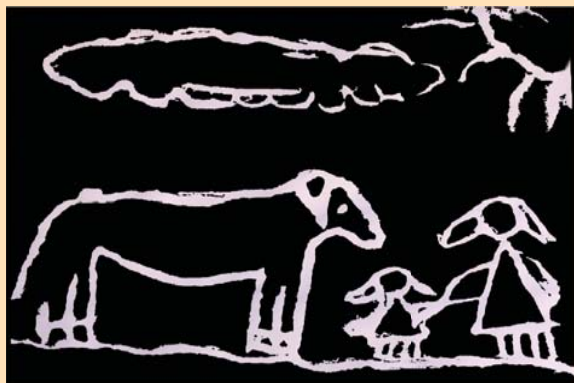
Rita deu, então, uma ideia
que foi bem sensacional:
Vender bolo na estrada
e xarope especial.
O dinheiro conseguiram
e saíram, afinal.

Compraram Jumento Creuzo
e, também, Jumenta Bela.
Rita preparou um casório
e ele se juntou com ela.
Sorridentes, então, ficaram
e jantaram à luz de vela.

Ao anoitecer na roça,
seu Joaquim, então, voltou
de um dia cansativo
da terra que ele plantou.
Avistou os dois bichinhos
e o que viu ele gostou.

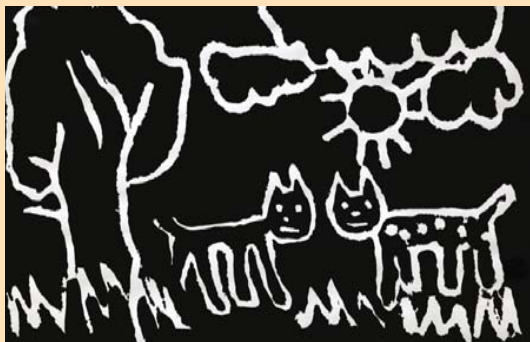
Ele ficou bem feliz
com a nova aquisição.
Deixou os outros roceiros
cuidando da plantação.
Arrendou a sua terra
e mudou de profissão.

Viajaram por estradas,
do agreste ao sertão,
vendendo muitos xaropes
de uma grande produção
que Toinha bem fazia
pra curar na precisão.



A ONÇA FAMINTA E O LOBO ESPERTO

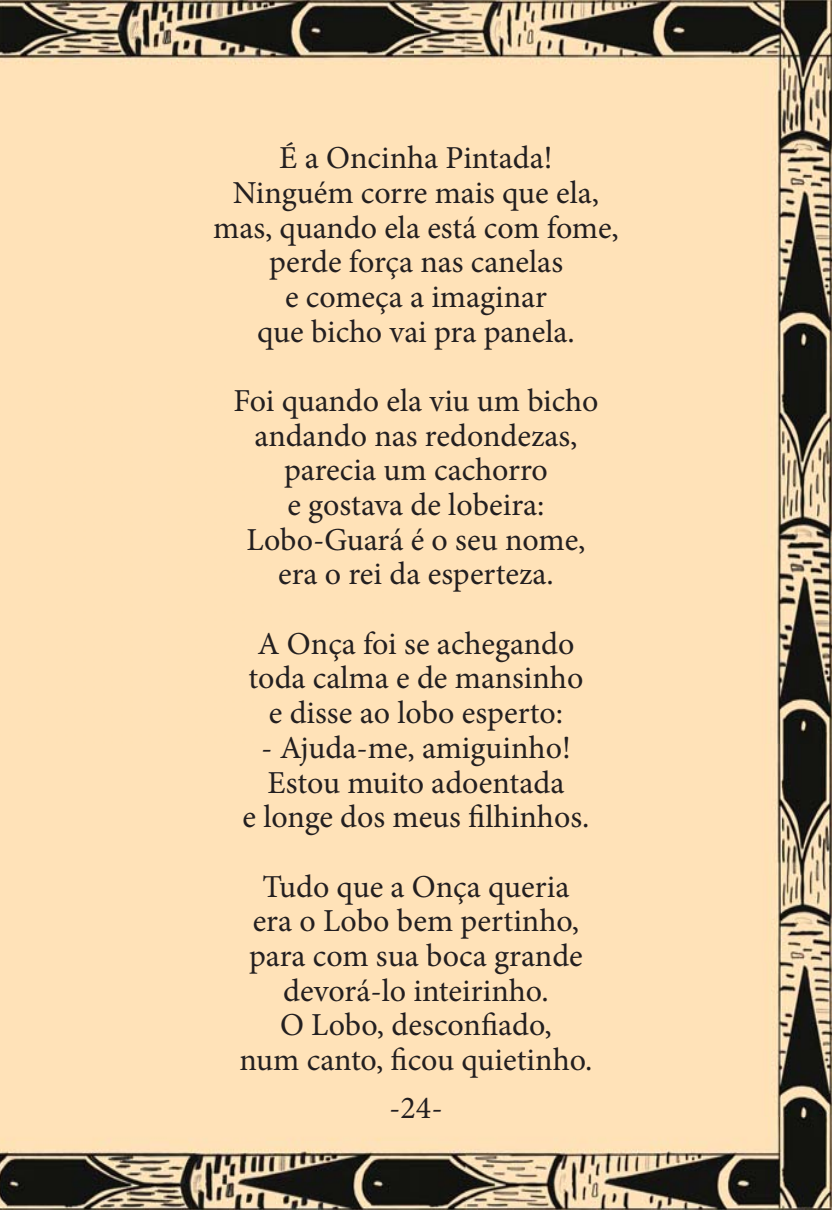
Grupo Oncinhas



Do Cerrado, minha gente,
tanta história pra contar.

Em meio à natureza,
muitos bichos pra encontrar:
tatus, oncinhas, raposas
e também lobo-guará.

O cerrado é muito lindo,
é bem grande e colorido,
quando está na primavera
os ipês ficam floridos,
mas tem um bicho na mata
que se acha bem sabido.



É a Oncinha Pintada!
Ninguém corre mais que ela,
mas, quando ela está com fome,
perde força nas canelas
e começa a imaginar
que bicho vai pra panela.

Foi quando ela viu um bicho
andando nas redondezas,
parecia um cachorro
e gostava de lobeira:
Lobo-Guará é o seu nome,
era o rei da esperteza.

A Onça foi se achegando
toda calma e de mansinho
e disse ao lobo esperto:
- Ajuda-me, amiguinho!
Estou muito adoentada
e longe dos meus filhinhos.

Tudo que a Onça queria
era o Lobo bem pertinho,
para com sua boca grande
devorá-lo inteirinho.
O Lobo, desconfiado,
num canto, ficou quietinho.

Mas a Onça, bem fingida,
começou logo a chorar,
implorou para aquele lobo:
- Ajuda-me a levantar!
Chegue aqui mais pra perto,
com sua ajuda eu posso andar.

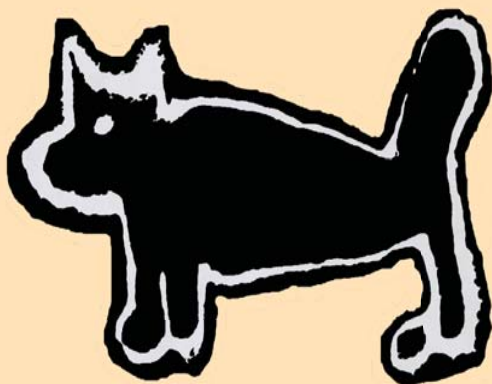
Convencido da história
que a Onça lhe contou,
foi-se aproximando aos poucos,
quando um estrondo ele escutou:
era a barriga da Onça:
de tanta fome roncou.



O Lobo não era bobo,
viu que seria devorado.
Se não pensasse num plano,
logo seria jantado.
Disse, então, que morreria,
com o destino traçado.

- Dona Onça, nem lhe conto,
tenho doença mortal!
Altamente contagiosa,
não passo desse natal.
Os que perto de mim chegaram
padeceram desse mal.

Quando a onça ouviu aquilo
deu um pulo lá pra trás:
- Oh, seu Lobo, eu já vou indo!
De andar já sou capaz.
Não preciso mais de ajuda!
Fique aqui, mas fique em paz!



ZÉ FINO, O SABIDO

Grupo Tamanduás



No sertão do Ceará,
todos trabalham bem cedo,
menos um cabra esperto,
preguiçoso igual morcego;
seu nome era Zé Fino:
frouxo e cheio de medo!

Zé fino era vizinho
do valente João Brabo,
que tinha em suas terras
várias frutas do cerrado.
Muitas frutas pelas quais
o Zé era apaixonado

Dizem que o João era
arretado como um touro,
que ele foi cangaceiro
e arrancava muito couro.
E quem o desafiasse,
voava que nem besouro.

Caminhando por ali
o Zé viu um pé de manga
do seu vizinho João
e depois um de pitanga.
Ele não pensou duas vezes
e escolheu o de manga.

Zé empanturrou o bucho
com mangas quentes demais!
Deu disenteria no Zé,
um sufoco no rapaz,
pois João Brabo passava
e ouviu seu alto gás.

Não pensando duas vezes,
João pegou uma peixeira.
O Zé fino quis correr,
mas virou uma doideira:
o Zé, sem olhar para frente,
esbarrou numa madeira.

João, então, pegou Zé Fino,
que ficou apavorado:
não conseguiu segurar
e ficou todo melado;
mas falou que ia pagar
pelo que tinha pegado.

Mas João, desconfiado:
– Zé, como tu vai pagar?
Zé fino se adiantou,
falou que ia trabalhar.
João rápido pensou:
– Será que isso vai rolar?

Depois do primeiro dia,
Zé fino estava cansado.
Então disse pra João:
– O trabalho está pesado!
Então fez uma proposta
que deixou João intrigado.

Falou de um mandacaru
do qual brotava dinheiro
e o João acreditou
ser o cacto verdadeiro,
pois João era abestado
e matuto fazendeiro.





Logo na manhã seguinte,
Zé fino acordou cedo;
foi buscar mandacaru
mas estava com um medo,
até que viu uma planta
que logo espetou seu dedo.

Zé pegou umas moedas,
colocou dentro da planta;
e saiu feliz da vida:
– Vou enganar “João Anta”!
E, ao chegar na fazenda,
já era a hora da janta.

Deu o mandacaru a João,
que olhou bem curioso,
ao ver que, em vez de espinhos,
o cacto tinha um tesouro,
com as moedas saindo,
do seu tronco bem brilhoso.

Porém, já no mês seguinte,
em vez de moeda, espinho,
vinha do mandacaru;
então, João ficou mesquinho:
– O Zé Fino me enganou,
achando que sou menino.

E pegou o bacamarte
do tempo de cangaceiro
e ameaçou Zé Fino,
dizendo desta maneira:
– Ou você me paga a manga
ou vai já virar peneira.

Ao se ver descoberto,
deixou de bancar o bonito
foi logo pulando a cerca.
E correu como um cabrito,
fugiu para o Maranhão
no cavalo favorito

que “emprestou” de João,
pois já se sentia frito.
Desembestou na carreira
voando de tão aflito,
bem apregado na sela
com as canelas de sibito.

Chegando em Chapadinha,
viu uma moça bonita;
chegou-se próximo a ela,
chamando-a de senhorita;
e, ao pedir por abrigo,
levou-o a casa esquisita.





Ele se apaixonou,
perguntou o nome dela.
Logo ela respondeu:
– Filomena Santa Vela!
Zé ficou impressionado
e quis juntar as panelas.

Ela ficou empolgada
com a ideia genial.
E disse: – Eu quero muito
é morar na capital.
Ele, então respondeu:
– Achei o plano legal!

Arrumaram o casório
e logo depois partiram.
Ao chegarem em Brasília,
passearam e curtiram.
Pegaram uma lotação
e muito se divertiram.

Quando em São Sebastião,
morada foram buscar,
andaram por todo lado,
findaram achando um lar.
Plantaram um pé de manga
e começaram a regar.

Já passados alguns anos,
o pé de manga cresceu.
Zé foi pegar uma manga e
viu o menino Jubileu
roubando ele uma fruta
do pé que era bem seu.

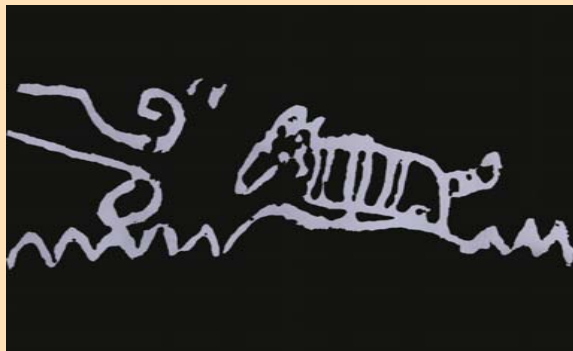
O Zé, então, pegou um ar
que nem pneu de trator,
quis acertar Jubileu
com uma funda que pegou,
mas logo se arrependeu
e até um susto levou.

Zé lembrou do seu passado
e, então, bem refletiu,
pensou em sua história
e, logo, muito sorriu.
Jubileu falou da Brinca
e Zé Fino então curtiu.

O Zé decidiu, então,
visitar o tal lugar,
para ver se lá podia
a sua história contar,
sentamos todos em roda
para a lição escutar.

O SUMIÇO DO TATU

Grupo Lobos



Tatu é bicho ligeiro,
dele não se chega perto.
Vendo-se ameaçado,
sua toca é abrigo certo.
Os bichos são seus amigos,
por ser animal discreto.

Certo dia estava andando,
de mansinho, no cerrado,
avistei amigo lobo
e o chamei pr'um papeado.
Naquela conversa doida,
fiquei logo preocupado:

Já fui perguntando a ele,
depois de comer angu,
se tinha visto o bichinho
esperto que nem teju.
Fiquei bem desconfiado
e fui até um mandacaru.

Lobo-Guará bem arrumado,
que de nada mais sabia,
perguntou para o veado
do tatu que se perdia.
Uma reunião fizeram
até o amanhecer do dia.

A bicharada toda
começou uma procura
muito extensa e exaustiva,
numa terra com fartura
que tinha de tudo um pouco:
frutas, legumes e verduras.

Nesta terra tudo dava:
caju, cajuá e maracujá.
Banana nunca faltava
pra macacada do lugar.
Ninguém com fome ficaria,
tinham que se alimentar!



Fizeram uma boquinha
com as frutas do local.
Até a lobeira tinha,
pro Lobo, sensacional!
Do milharal se fazia
pamonha e até curau.

Todos já de buchos cheios.
Chegaram os urubus
que avistaram, certa hora,
lá do céu, o tal Tatu.
Foram logo se achegando
junto ao sapo cururu.



Disseram que ele estava
escavando sua toca,
fazendo uma jantinha,
com raízes e minhocas.
Parecia estar bem,
mas surgiu uma fofoca.



Todos estavam falando
que ele havia enriquecido
e um tesouro, em seu casco,
ele havia escondido.
O Tatu, injuriado,
foi resolver o ocorrido.

O tatu esclareceu
a enorme confusão.
Seus amigos entenderam
o porquê da situação:
estava era desejando
reformular sua mansão.

Chamou os escavadores:
coruja, cotia e paca.
Trabalhou em união,
essa galera veiaca
e deram nome, então,
de grande Toca Tataca.

Pronta a toca do Tatu,
veio uma indagação:
será que só com buraco
se resolve a situação?
E as casas dos outros bichos?
Ficam sem habitação?

Desse dia em diante,
naquela sociedade
nenhum animal ficava
sem sua comodidade.
Fundaram cooperativa
e ergueram comunidade.

Seja em planta ou caverna,
seja no alto ou em cima,
não só o Tatu tem casa,
e todo bicho se anima
a agir em comunhão,
pois a união ensina.



JOÃO E MARIA CAÇADORES DE FESTAS

Heliardo - Grupo Tamanduás



Há algum tempo atrás,
no sertão do Maranhão,
havia uma cidadezinha
que tinha muita diversão,
onde viviam dois irmãos:
ela Maria e ele João.

João gostava de dançar,
Maria era comilona.
Quando estavam em uma festa
tudo virava uma zona!
Maria também era
muito chata e bobona.

Um dia os dois irmãos
foram a uma festa junina,
João gostou demais...
pois não faltava menina!
Maria foi logo comer,
Buscou logo uma barraquinha.

Maria com muita fome,
achou enfim a comida.
Perguntou à senhora
se havia canjica.
Ela disse: - só tem canja.
Maria ficou deprimida...

Como Maria era gulosa
aceitou assim a canja.
A mulher que lhe entregou,
tinha uma linda franja.
E João dançou com uma menina,
que pra ele era uma anja!



João logo ficou
doido e apaixonado,
foi à barraca de comida
pra ela pegou um salgado,
Maria enjoada da canja,
pegou então um ensopado.

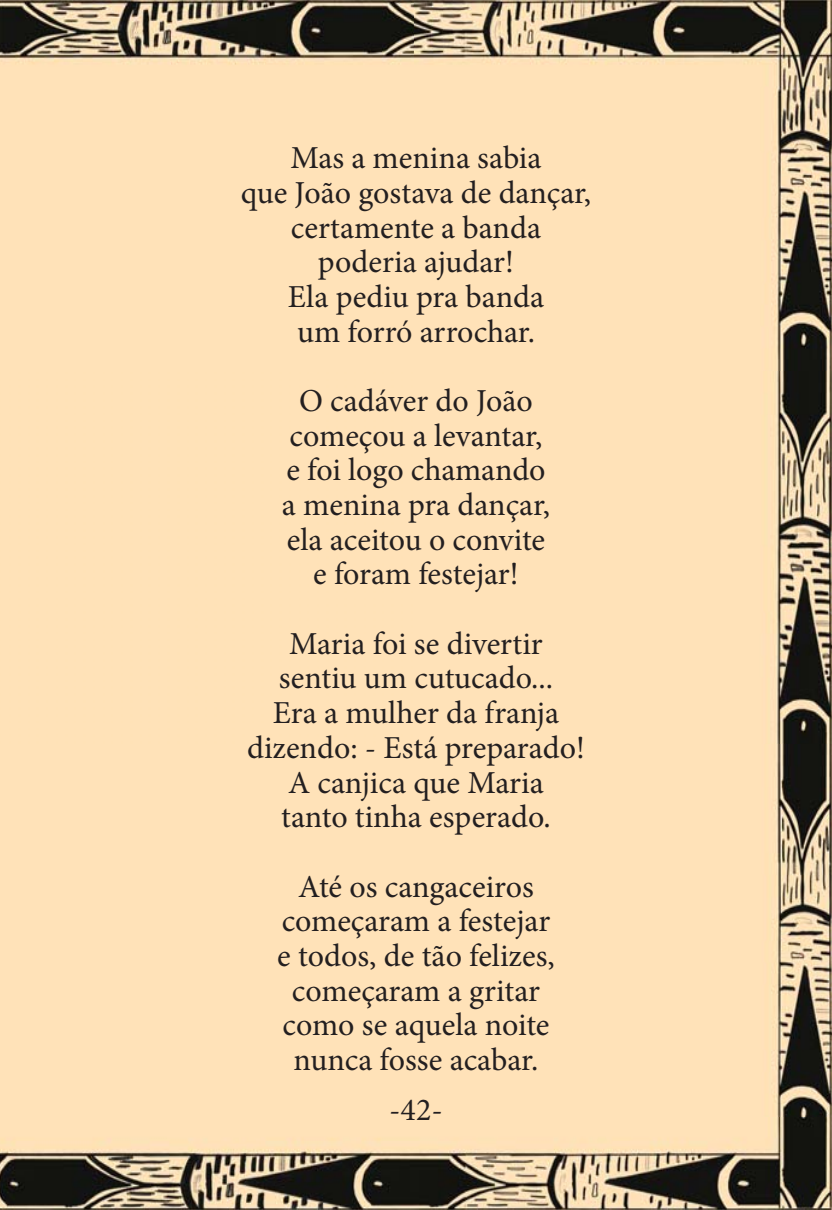
A menina ficou feliz
e aceitou o salgado.
João ficou animado
por tê-la agradado.
Enquanto isso, Maria
Pegou também um melado.

Chegaram então na festa
cangaceiros muito bravos
do grupo de Lampião,
atrás de um cabra safado.
Esse tal cabra era
esperto e desconfiado.

O grupo de Lampião
avistou o foragido,
um tiroteio começou
e João ficou perdido.
Nessa loucura toda
o pobre foi atingido.

Todos pensaram que João
tinha logo morrido.
Maria então achou
que o irmão, tinha perdido.
A menina bonita chorou
perto de João ferido.





Mas a menina sabia
que João gostava de dançar,
certamente a banda
poderia ajudar!
Ela pediu pra banda
um forró arrochar.

O cadáver do João
começou a levantar,
e foi logo chamando
a menina pra dançar,
ela aceitou o convite
e foram festejar!

Maria foi se divertir
sentiu um cutucado...
Era a mulher da franja
dizendo: - Está preparado!
A canjica que Maria
tanto tinha esperado.

Até os cangaceiros
começaram a festejar
e todos, de tão felizes,
começaram a gritar
como se aquela noite
nunca fosse acabar.

GLOSSÁRIO



Abestado: Tolo; bobo.

Angu: Prato muito popular na cozinha brasileira. Trata-se de uma massa consistente feita com fubá de milho, água e sal, cozido e que pode ser comida ao natural ou frita.

Apregado: Grudado, colado.

Arrendou: Dar ou tomar em arrendamento; alugar; arrendar uma propriedade.

Arretado: Diz-se de algo muito bom, mas também pode ser usado para qualificar alguém bravo.

Assucedeu: Acontecer, sobrevir, dar-se o caso.

Bacamarte: Antiga arma de fogo de cano largo e em forma de sino.

Caatinga: Mata do Nordeste brasileiro, onde a vegetação possui pouca folhagem e é quase exclusivamente composta de espinheiros, cactos e gravatás.

Cabra: Referência genérica a uma pessoa, em geral do sexo masculino.

Cafuné: Ato de fazer carinho na cabeça com a ponta dos dedos.

'Canelas de sibito': Pernas finas.

Catinga: Odor; mal cheiro.

Chihiro: É a personagem principal do longa-metragem de animação "*A viagem de Chihiro*", de 2001, dirigido por Hayao Miyazaki. Narra a saga da pequena Chihiro, que tenta salvar seus pais de um terrível encantamento, em um mundo mágico e misterioso, repleto de seres fantásticos.

Curau: Papa de milho verde cozido com leite e açúcar, polvilhado com canela.

Desembestou: Andar/correr sem rumo.

Dinda: Madrinha de batismo.

Empacado: Algo que não vai adiante, que está parado, obstruído.

Froxo: Contração raivosa para frouxo; medroso; covarde.
Funda: Arma de arremesso constituída por uma correia, atiradeira, catapulta, estilingue.

Kiriku: É o personagem principal da longa-metragem de animação “*Kiriku e a Feiticeira*”, de 1998, dirigido por Michel Ocelot. Narra as aventuras do recém-nascido Kiriku que enfrenta uma poderosa feiticeira para salvar sua aldeia.

Lobeira: Fruta-de-lobo ou guarambá é um pequeno arbusto ou árvore de até 5 metros de altura. Pertence à família das Solanaceae, a mesma do tomate e do jiló. O fruto da lobeira lembra um tomate na aparência.

Mancala: É uma família de jogos de tabuleiro de origem africana, jogada ao redor do mundo, algumas vezes chamada de jogos de sementeira ou jogos de contagem e captura.

Mandacaru: Planta arborescente (*cereus jamacaru*), com flores brancas ou róseas que se abrem à noite; nativa do Brasil. Outros nomes: cardeiro, facheiro, jamacaru, manacaru, mandacaru-de-boi.

Matuto: Caipira; pessoa da lida rural.

Pequi: (Nome científico: *caryocar brasiliense*) é um fruto típico do Cerrado, cuja nomenclatura vem do Tupi e significa “pele espinhenta”.

Piriri: Desenteria; diarreia.

Repente: Improviso; música, verso ou poema composto a partir do improviso, sem preparação ou reflexão, feito impensadamente.

Sabido: Inteligente, esperto.

Teju: O gênero de répteis Tupinambis, da família Teiidae, é popularmente conhecido como teiú, lagartiu, teju, tegu, jacuraru, jacuaru, jacuruaru, jacruaru e caruaru. Compreende os maiores lagartos do Novo Mundo e abrange sete espécies, todas nativas da América do Sul.

Este livro é o resultado do trabalho conjunto
de muitos brincantes encantados:

Uma equipe bem comprometida com a cultura
da infância:

Maria Lúcia de Moraes Ono, Noeme Carvalho,
Maria de Fátima Silva, Elizabeth M. Neves, Zaí-
ra Bastos Pinheiro, Leidiane Maria de Andrade,
Lucimeire de Jesus Souza, Daniel da Silva Guedes,
Gisele Melo dos Santos, Maikon Daniel da Silva
Lopes, Samira Marques Galvão.

Tatus: Ana Paula Ribeiro Moreira, Bruno Lira Alves,
Caio Moraes de Aguiar, Gabriel Ferreira da Silva, Gui-
lherme Barbosa, Isabele Rodrigues dos Santos, Isabelly
Coutinho Santos, Mariana da Silva Carneiro, Mariany
Rodrigues dos Reis, Marina Fonteles Batista de Almeida,
Maysa Rodrigues Mendes, Paulo Rocha de Faria, Rafael
Almeida Silva, Renan Nóbrega de Souza, Sarah Sousa
Marques, Victória Santana de Jesus



Lobos: Arthur da Silva Carneiro, Dayane Rodrigues dos Reis, Geovana Sechtig Passos, Giselle Lisboa de Freitas, Gisllene Lisboa de Freitas, Guilherme Oliveira Teodoro, Gustavo Pereira Costa, Jeferson da Gama Martins, Júlio César Barbosa, Lorena Pereira Costa, Marcos Rocha de Faria, Marcos Vinicius Moura Oliveira, Noemí Sousa Marques, Raissa Souza Mendes, Rodrigo Oliveira Teodoro, Thiago Guedes de Souza Moreira.



Oncinhas: Aleff dos Santos Pereira, Ana Clara da Silva Araujo, Cauã Munch da Silva, Erick Gomes de Sousa, Gabriela Rodrigues Lopes, Ketly Lorrany Amorim de Jesus, Kevilly Mota Gomes, Leticia S. Fontenele Fonseca, Luan Gama da Silva, Luiz Henrique R. Nascimento, Luna Matos de Melo, Marcos Vinicius Sousa dos Santos, Rayssa Almeida Ramos, Ryann Almeida Ramos, Sarah Maria Firmino de Sousa, Stefanny Ketlen da Silva, Wenderson dos Anjos Pinheiro.



Raposas: Adriano dos Santos Salviano, Adriele Oliveira de Andrade, Amanda Mendes Bezerra, Anna Krolliny de Souza Bezerra, Breno Henrique dos S. A. da Silva, Danylo Gomes Machado, Gabriela Rosa do Nascimento, Igor Costa S. Pereira Ulhoa, Isabely Carvalho Mendes, Jamile de Sousa Santos, Janderson Gama Martins, José Alejandro dos Santos Silva, Luis Eduardo dos Santos Bezerra, Malu Matos de Melo, Rodrigo dos Santos Lopes Gomes, Roseane Nery Santiago, Samuel Alves Gomes, Sarah Duarte da Costa, Thiago dos Santos, Yasmin Alves dos Santos.



Tamanduás: Andressa da Silva Luna, Atos da Silva Miranda, Bruno Demetrio dos Anjos Araujo, Clara Alves Ruela, Claryssa Alves Ruela, Daniela Lopes Cardoso, David Lisboa de Freitas, Gabriel da Silva G. de Araújo, Giselle da Silva Montain, Heliardo dos Santos Pinheiro, Hugo de Jesus Souza, Júlia Lorrane Sousa de Oliveira, Marcelo Henrique de Souza Borges, Marcos André da Silva Luna, Matheus de Sá Araújo Cardoso, Rebecca Duarte da Costa, Selma de Sousa Silva.



Grupo Tatuz e Lobos



Grupo Oncinhas, Raposas e Tamanduás



“Na Ludo se cria arte, com gente que imagina,
escreve e diz em voz alta, verso e rima de estima.”

João Bosco Bezerra Bonfim

Na nossa brinquedoteca,
brincadeira é o nosso lar.
Nós aprendemos de tudo,
inclusive a rimar.
Se você não acredita,
venha cá nos visitar.

Este livro é um convite para entrar no mundo encantado do cordel. É o resultado do projeto “Nossas raízes nordestinas – Cultura e Identidade sob o Olhar da Criança”, realizado no Ponto de Cultura Ludocriarte de São Sebastião/DF em 2018, com 80 crianças e adolescentes, de 06 a 14 anos.



Associação
Ludocriarte
Ponto de Cultura

 **FUNDAÇÃO**

 **Voluntariado**
Banco do Brasil